

ENGELS E A ORIGEM DO MARXISMO

Marcos Del Roio
Prof. de Ciências Políticas
UNESP-FFC

Resumo: Esse texto pretende oferecer um esboço de interpretação da contribuição de Engels, mormente após 1875, para a configuração do *marxismo*. Apresenta as dificuldades e as possibilidades de interpretação e segue o autor na sua produção intelectual e no seu contexto político e cultural. A tese é que Engels se apropria do pensamento de Marx, para o qual contribuiu em uma relação fraterna de décadas, mas o reconfigura segundo a sua própria abordagem e próprias conclusões, em parte ditadas pela conjuntura.

Palavras chave: Engels e Marx; marxismo; materialismo; práxis; socialismo.

Abstract: This text wishes to offer a sketch of interpretation to the Engels' contribution, especially after 1875, to the configuration of the *marxism*. It show the difficulties and possibilities of the interpretation and seek the whiter into yours intellectual production and into your political and cultural context. The thesis is that Engels gets the Marx's thinking, for what he contributed during a brotherhood relation of decades, but redesigned it according his own approach and own conclusions, partially dictated by conjuncture.

Key words: Engels and Marx; marxism; materialism; praxis; socialism.

1. Introdução

Engels (1820-1895) e Marx (1818-1883) foram grandes amigos e colaboradores intelectuais por quase quarenta anos. Essa relação começou desde o impacto causado em Marx pelo artigo de Engels *Esboço para uma crítica da Economia Política* até o momento em que a morte colheu o autor d'*O capital*. Poderíamos mesmo dizer que essa ligação intelectual persistiu ainda nos doze anos que Engels sobreviveu a Marx. Ainda que tenha sido Engels a sugerir a necessidade da crítica da economia política do capital e também a afirmar de vez a importância fundamental do proletariado industrial no processo de emancipação humana, deixou a tarefa do decidido aprofundamento nesse problema fulcral para os esforços de Marx. Assim é que se pode dizer ter havido certa divisão de trabalho e de atenções entre os

parceiros, com Engels se debruçando muito sobre a história dos povos germânicos, sobre temas militares e sobre a crítica da religião e a filosofia das ciências da natureza. Mas mesmo essa assertiva não passa, muito provavelmente, de uma aparência, ou apenas de uma primeira aproximação, pois o estudo sistemático da relação entre os dois autores é de extrema complexidade e exige um acurado estudo filológico, que está ainda em andamento.

Os quarenta anos de trabalho em comum implicaram um permanente curso de auxílio, diálogo e esclarecimento recíproco nem sempre levado a termo. Foram poucos os textos assinados em conjunto, o primeiro dos quais foi *A sagrada família* (1845), que inaugurou a colaboração entre ambos. *A ideologia alemã* (1846), que pretendia ser uma autoesclarecimento dos problemas teóricos antes postos, não chegou a termo, pois o diálogo / debate entre os autores não conseguiu ser conclusivo.

Sabido que o *Manifesto Comunista* foi escrito por Marx, que fez uso de textos anteriores de Engels e deve ter ouvido suas opiniões. Hoje é conhecido o fato de que o escritor do texto assinado por Marx sobre a revolução alemã de 1848, foi Engels, assim como sugestões de Engels feitas em cartas foram absorvidas por Marx na redação dos textos que viriam a compor *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* (1852). Marx fez todo o estudo crítico da economia política, mas a interlocução com Engels foi permanente. Por motivos políticos imediatos, ambos assinaram textos em conjunto, ambos podem ter escrito documentos políticos coletivos em conjunto ou separado, etc.

Compreensível então as dificuldades imensas em se estabelecer efetivamente como ocorreu esse diálogo decisivo, assim como certas clivagens tenham surgido na reflexão desses expressivos pensadores revolucionários do século XIX. Muita coisa ainda está para ser comprovada e para ser reelaborada no que se refere a esse problema. O objetivo deste escrito é muitíssimo mais limitado e modesto, pois pretende apenas indicar alguns elementos a serem devidamente aprofundados sobre aquilo que se poderia definir como o último Engels ou Engels depois de Marx. O problema que se coloca nesse momento particular é o de esclarecer o papel de Engels na organização e difusão da obra de Marx, como esse trabalho implicou determinada releitura ou mesmo reelaboração do pensamento de Marx, como contribuiu para difundir e simplificar o feito de Marx e, finalmente como contribuiu ou não para o surgimento do *marxismo ortodoxo* e do *revisionismo*. A resposta a essa problemática exige um estudo filológico de grande fôlego e que solicita a contribuição

de vários estudiosos. Um trabalho que se debruce sobre os artigos e livros escritos por Engels, as mais de mil cartas que enviou a diversos interlocutores, como organizou e apresentou os textos de Marx.

Ainda que essencial, o estudo filológico não substitui a análise da situação histórica concreta, apenas a completa e esclarece. A situação histórica particular do capitalismo na Alemanha, as posições políticas de Engels no contexto do movimento operário alemão e internacional, as relações internacionais nos albores da época imperialista, são elementos importantes que contribuem também para a compreensão da teoria política de Engels, da estratégia revolucionária da nova fase e da relação que se determinou com a obra de Marx.

2. Da fundação do SPD à morte de Marx.

A AIT - Associação Internacional dos Trabalhadores havia surgido, em 1864, de uma convergência entre grupos operários franceses e ingleses e depois se difundido com maior ou menor dificuldade por outras nações. A derrota da Comuna de Paris e a formação do Império germânico (1871) alteraram fundamente a “geopolítica” do movimento operário europeu e deu início ao declínio da AIT. Mesmo que sua influência no movimento operário alemão fosse minoritária, como havia demonstrado o período de maior força da AIT, Marx e Engels passaram a se interessar sempre mais pela situação do novo Estado que acabara de surgir no centro da Europa. Em meado de 1874, Engels avaliava a fundação do Império nos seguintes termos:

Mas desde o momento em que não se tratava de defender a nobreza face ao impulso da burguesia, mas da proteção de todas as classes possuidoras em luta em face do impulso da classe operária, a velha monarquia absoluta teve de transformar-se por completo em monarquia bonapartista, a forma de Estado especialmente elaborada para esse fim”.¹

No decorrer dos anos 60, o movimento operário alemão estava dividido em duas vertentes principais: aquele organizado na ADAV - Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, de Lassalle, que viam na aliança com o prussianismo uma forma de unificação

¹ ENGELS, Friedrich. “Prefácio” – A guerra camponesa na Alemanha. In: MARX & ENGELS. *Obras Escolhidas*. Rio de Janeiro: Editora Vitória, Vol. 2, 1961, p. 200.

nacional com a burguesia debilitada e a VDAV – Federação das Associações Operárias Alemãs de Bebel que avaliava a importância da aliança com a burguesia em função antifeudal e antiprussiana. Em 1869, já descontada a rota da unificação da Alemanha em torno da Prússia, foi fundado o Partido Operário Socialdemocrata, juntando a Federação de August Bebel com algumas franjas da ADAV. Esse partido rompeu com o Partido Popular, dentro do qual atuavam seus quadros e assumiu uma postura internacionalista, comprovada em seguida no decorrer da guerra franco-prussiana e da Comuna de Paris.

As lutas operárias que tiveram início tão logo a crise capitalista de longa duração se manifestou e dentro de uma situação política institucional inteiramente nova, aproximaram as bases dos agrupamentos sindicais e políticos existentes. No início de 1875 estava selado o acordo para a fusão entre as organizações operárias alemãs, mas só em março Engels e Marx tiveram acesso ao projeto de programa do novo partido. O assombro dos dois colaboradores foi de tal magnitude que se declaram dispostos a se dissociar publicamente de toda a articulação política que se procedia.

Engels chamava atenção para as concessões teóricas decisivas feitas ao lassalleísmo e que redundaram em verdadeiras contradições no texto. O programa incorpora -- nota Engels em carta endereçada a Auguste Bebel -- a falsa tese de Lassalle de que diante da classe operária todos os outros grupos sociais não passariam de uma massa reacionária, o que contradiz as linhas programáticas de reivindicações democráticas burguesas sugeridas no programa. Anota também o rebaixamento do princípio internacionalista e o equívoco teórico sobre as leis que regulam o salário. O programa nada fala da organização da classe operária enquanto tal, “por meio dos sindicatos”.

A invocação pela ajuda do Estado na solução de problemas sociais é vista como um erro, assim como é vazia a formulação de um “Estado popular livre”. A propósito do Estado escreve:

Sendo o Estado uma instituição meramente transitória, que é utilizada na luta, na revolução, para submeter os adversários pela violência, é um absurdo falar de Estado popular livre: enquanto o proletariado ainda necessitar do Estado, não o necessitará no interesse da liberdade, mas para

submeter os seus adversários, e tão logo que for possível falar-se de liberdade, o Estado como tal deixará de existir.²

Desconsideradas as opiniões de Engels e Marx, em fins de maio de 1875, com a aprovação unânime do novo programa, alterado apenas nos detalhes, deu-se por fundado o novo Partido Socialdemocrata da Alemanha – SPD. A opinião de Marx e Engels continuava sendo a de que a essa unidade havia se chegado com demasiada pressa e sem o necessário esclarecimento teórico, indispensável para a própria educação das massas.

Marx e Engels, embora tivessem ameaçado dele se distanciar, decidiram persistir na sua ação educativa do possível educador das massas a título de representantes do partido na Inglaterra. Embora minoritário, o grupo de Eisenach assumiu a direção do partido, mas imprimiu uma orientação que deixou a organização aberta a tendências ideológicas as mais variadas, tanto quanto a grupos e indivíduos de diversas origens sociais. Era essa uma decorrência lógica do compromisso com a vertente de Lassalle, pois que a clareza teórica havia sido menosprezada já no ato fundativo do partido. Assim, além dos grupos originais, no SPD a tendência semi-anarquista de Johann Most conviveu com os grupos filantrópicos e reformistas.

Decerto, o mais influente e sério adversário vislumbrado por Marx e Engels foi o professor Eugen Dühring, da Universidade de Berlim, o qual defendia um socialismo cooperativo e se opunha á concepção dialética originada em Hegel. Esse interlocutor fez por merecer um concentrado esforço de refutação por parte de Engels, recebido sem simpatia em amplos setores do partido. O conjunto de artigos, escritos em 1877, transformou-se no livro *A subversão da ciência pelo Sr. E. Dühring*, publicado em 1878, que representou um empenho de exposição sintética e sistemática das concepções que Engels e Marx desenvolviam havia mais de trinta anos. Essa obra ficou depois conhecida como *Anti-Dühring*.

O objetivo do livro, portanto, ia além da simples contestação das teses de Dühring, pois pretendeu também oferecer uma orientação teórica acessível e que poderia ser servir de diretriz para a elaboração política e cultural da socialdemocracia. Note-se que, de fato, foi esse o trabalho que mais influenciou a formação de parte do grupo dirigente do SPD,

² ENGELS, Friedrich. “Carta a Auguste Bebel, Londres, 18 / 28 de março de 1875”. In: Op. Cit., Vol. 2, p

aquela que se definiu *marxista*. Ainda que Marx tenha aprovado a obra de Engels, particularmente por seus objetivos políticos, fica bastante claro aqui o quanto de respeito um tinha pelas idiossincrasias do outro, pois a particularidade teórica de Engels vem à tona com clareza. A boa recepção de Marx frente à obra de Darwin se atenuou substancialmente e Dühring ironizava Marx como sendo um “velho hegeliano”, enquanto Engels tende a assimilar a ciência de Darwin e a aprisionar a dialética dentro de leis gerais.

Na verdade, o pensamento de Engels se mostra como uma variante no pensamento revolucionário, distinto e uno com Marx. Certo viés cientificista e naturalista -- talvez derivado da paixão pelas ciências naturais e pela obra de Darwin – e a compartimentação positiva entre Filosofia, Economia Política e Socialismo comprometem seriamente a dialética dentro de uma visão monista. De fato, a dialética é reduzida a um fenômeno da natureza, com leis próprias de movimento imanente e não um método de apreensão da realidade em movimento.³

Sob a forma de folheto, três capítulos originalmente escritos para esse livro foram destacados e publicados na França, com o título possivelmente atribuído por Paul Lafargue, mas não contestado por Engels, de *Do socialismo utópico ao socialismo científico*. Esse folheto foi traduzido em várias línguas e alcançou grande difusão, tendo assim contribuído enormemente para a formação da ideologia do *marxismo*, nas condições da Alemanha de fim do século XIX. Poder-se-ia facilmente contestar o utopismo dos formuladores da época da revolução industrial resgatados por Engels, assim como o cientificismo do socialismo alemão, caso por esse se entenda uma imposição das leis naturais do movimento da história dos homens, como Engels parecia entender.

No terceiro artigo do folheto, Engels enuncia que a concepção materialista da história sugere que “as causas profundas de todas as transformações sociais e de todas as revoluções políticas (...); devem ser procuradas não na filosofia, mas na economia da época de que se trata”.⁴ Na seqüência do texto, com coerência, despreza o papel da ideologia, da filosofia, na reprodução da ordem do capital e insiste que as contradições inerentes ao modo burguês de produzir farão do socialismo uma necessidade histórica, advinda de uma

232.

³ Na verdade, essa filosofia da ciência já estava presente no livro *A dialética da natureza*, escrito em 1875-1876 (mas só publicado na URSS, em 1935).

⁴ ENGELS, Friedrich. “Do socialismo utópico ao socialismo científico”. In: MARX & ENGELS. *Obras Escolhidas*, Rio de Janeiro: Editora Vitória, Vol. 2, 1961, p. 322.

lei natural de desenvolvimento da vida social dos homens. A distinção essencial então do pensamento de Engels em relação a Marx é a noção de dialética e da decorrente compreensão do papel da subjetividade como força material na preservação ou transformação da ordem social. Engels, com efeito, ao homologar o movimento do ser social humano ao movimento da natureza desconsidera a essencialidade da práxis histórica.

Fascinante, contudo, a percepção de Engels da necessária intervenção do Estado no intuito de amenizar a auto-destrutividade do capital e dos primeiros passos que levariam à era imperialista, como a formação de *trusts*. Ainda que defenda o socialismo como fato científico que emerge do movimento objetivo da história da economia, Engels pretende mesmo é estimular a convicção e a vontade da classe operária, como pretense ator (quase transcendental) de uma lei da história, para o que precisa pelo menos delinear o modo da superação do capitalismo.

O modo capitalista de produção, ao converter mais e mais em proletários a imensa maioria dos indivíduos de cada país, cria a força que, se não quiser perecer, está obrigada a fazer essa revolução. E, ao forçar cada vez mais a conversão dos grandes meios socializados de produção em propriedade do Estado, já indica por si mesmo o caminho pelo qual deve produzir-se essa revolução. O proletariado toma em suas mãos o Poder do Estado e principia por converter os meios de produção em propriedade do Estado. Mas nesse mesmo ato, destrui-se a si próprio como proletariado, destruindo toda a diferença e todo antagonismo de classes, e com isso o Estado como tal. ⁵

E continua depois

Quando o Estado se converter, finalmente, em representante efetivo de toda a sociedade, tornar-se-á por si mesmo supérfluo. Quando já não existir nenhuma classe social que precise ser submetida; quando desaparecerem, juntamente com a dominação de classe, juntamente com a luta pela sobrevivência individual, engendrada pela atual anarquia da produção, os choques e os excessos resultante dessa luta, nem haverá

necessidade de, portanto, dessa força especial de repressão que é o Estado.

6

Percebe-se como o proletariado aparece como instrumento de realização de uma lei do desenvolvimento histórico, não um sujeito coletivo dotada de vontade subjetiva voltada para a emancipação humana, dotado de filosofia da praxis. O naturalismo histórico de Engels subverte a dialética e amesquinha a vontade coletiva.

Quando esse texto de Engels foi publicado já vigia a legislação anti-socialista na Alemanha. Com efeito, em outubro de 1878, Bismarck conseguira que fossem aprovadas as leis de exceção contra os socialistas, as quais vedavam a organização e a propaganda do partido, mas permitia que os socialdemocratas concorressem às eleições. De início o partido se sentiu atordoado, mas começou já a se recompor nas novas condições a partir de 1880 e ativando uma publicação importante na Suíça, de nome *Der Sozialdemokrat*, com a qual Engels colaborou de modo assíduo, desde que Bernstein assumiu a direção do periódico.

De fato, em 1880, Engels estabelecera contato com Kautski e com Bernstein, inaugurando uma colaboração duradoura e prenhe de conseqüências teórica e políticas. Engels pensava então aglutinar no SPD um núcleo teórico e político “marxista” em torno dele mesmo e de Bebel, que poderia eventualmente se irradiar a outros Países. A revista *Neue Zeit*, de Stuttgart, dirigida por Johann Dietz, depois de 1883, ajudou muito nesse trabalho.

Marx estava enredado nos seus estudos e enfrentava problemas graves de saúde na família e consigo mesmo. Suas preocupações estavam voltadas para a conclusão do segundo volume d’*O capital*, para a questão agrária na Rússia, para estudos de matemática. As mortes da esposa, e depois de uma filha, deixaram-no fatalmente abalado, e Marx veio a falecer em 1883.

3. O legado de Marx e o pensamento de Engels.

A partir da morte de Marx, Engels se impôs mais uma tarefa, além de pesquisador com objetivos próprios e de orientador político e ideológico do movimento operário, de um movimento operário que, por suposto, contava com uma sedimentada tradição cultural

⁵ Idem, idem, p. 334.

⁶ Idem, idem, p. 334 (bis)

socialista de caráter bastante eclético, que vagava do anarquismo ao socialismo de Estado. Agora Engels se transformaria também em herdeiro do legado de Marx, o organizador e o divulgador de sua obra inacabada. Esses elementos intrelaçados demarcam o terreno histórico da origem do *marxismo*.

No discurso de despedida diante da tumba de Marx, em 17 de março de 1883, Engels pronunciou palavras decisivas para interpretar o seu próprio pensamento: “Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana”.⁷ De fato, para Engels as obras de Darwin e de Marx se completavam e o intento que Engels desenvolvia era o de expressar uma filosofia da ciência que oferecesse uma síntese. O esforço não concluído, e finalmente abandonado em 1883, que produziu *A dialética da natureza*, estava voltado a esse objetivo.

Com a morte de Marx, Engels dedicou-se a preparar a terceira edição alemã do primeiro volume d’*O capital* e divulgar alguns escritos de Marx talvez mais acessíveis a um público maior e que poderia servir de ação educativa. Assim, Engels providenciou, em diferentes momentos, novas edições de antigos textos de Marx, como *A miséria da filosofia*, *O dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, *A guerra civil na França*, *Crítica ao Programa de Gotha*, *A luta de classes na França*, por vezes atribuindo títulos e vislumbrando objetivos políticos imediatos.

Em seus últimos anos de vida, Marx esteve empenhado em concluir o segundo volume d’*O capital*, mas sem o sucesso que almejava. Engels acompanhava o trabalho, mas também os problemas pessoais de Marx e preferiu não pressioná-lo para terminar o trabalho. Os manuscritos deixados em estágio bastante avançado foram organizados por Engels que fez publicar finalmente o segundo volume da grande obra de Marx em 1885. Na apresentação Engels oferece um exemplo da necessidade de um estudo filológico rigoroso da obra de Marx. Conta o estado em que encontrou os manuscritos, que exigiam um trabalho de editoração dado que Marx escrevia com “estilo negligente, familiar, freqüentemente entremeado de modos de dizer e locuções toscamente humorísticas, expressões técnicas em inglês e francês, muitas vezes frases ou até mesmo páginas inteiras

⁷ Idem. “Discurso diante da sepultura de Marx. In: _____. Op. Cit., p. 353

em inglês, pensamentos deixados no papel na forma que em vez ou outra vinham à mente do autor”.⁸

A partir daí Engels se dedicou ao trabalho de organizar e eventualmente completar os estudos deixados por Marx e que deveriam compor o terceiro volume. O terceiro volume foi finalmente publicado em 1894. As dificuldades aqui foram muito maiores e a intervenção de Engels no corpo do texto bastante mais significativa, tanto em termos de organização, quanto de redação final. Aquilo que seria o volume IV estava praticamente pronto -- mas ainda que tenha julgado o texto datado -- comprometia-se a publicá-lo mais à frente.⁹ Percebe-se então como mesmo a obra máxima de Marx tenha obrigado Engels a interferir, não se sabe em que medida alterando-lhe o conteúdo e a substância. Apenas um rigoroso estudo filológico poderá esclarecer, em parte, os problemas deixados, mas pode ser mais correto que alhures afirmar que essa seria uma obra a ser assinada em conjunto por ambos os amigos.

Como pesquisador, Engels deixou um vasto manuscrito sobre a história dos povos germânicos, também deixado de lado na época da morte de Marx. Desses apontamentos pode se verificar algumas contribuições importantes sobre a questão nacional, mas parte desse material serviu também de fonte para a redação do livro *Origens da família, da propriedade privada e do Estado*, de 1884. No entanto, o depoimento de Engels no prefácio dessa obra é bastante elucidativo sobre os objetivos do texto: fazer uma exposição materialista sobre os problemas enunciados no título, fazendo uso da obra de Lewis Morgan, *Ancient Society*, publicada nos EUA em 1877, sobre a qual Marx fizera algumas anotações. Ora, isso parecia bastar para legitimar a leitura engelsiana da história, para a qual ele incorporava Marx, incorporava Darwin e agora incorporava Morgan, tido como um novo descobridor da concepção materialista da história. A síntese feita é assim:

De acordo com a concepção materialista, o fator decisivo na história é, em última instância, a produção e a reprodução da vida imediata. Mas essa produção e essa reprodução são de dois tipos: de um lado, a produção dos meios de existência, de produtos alimentícios, roupa, habitação, e

⁸ Idem. “Prefácio” In. MARX, Karl. *Il capitale*. Roma: Newton Compton Editori, 4ª edição, 2008, p. 565.

⁹ Esse volume foi publicado Karl Kautski, em 1905, com o título de *Teorias da Mais Valia*, em uma edição que pode ser considerada bastante problemática.

instrumentos necessários para tudo isso; de outro lado, a produção do homem mesmo, a continuação da espécie.¹⁰

Notável uma vez mais a ênfase quase absoluta nas relações econômicas e a ausência de qualquer referencia às representações culturais. De fato isso se explica pelo fato de Engels considera-las apenas como falsas representações do mundo, como alienação, como atraso, a serem superadas, pela ciência, pela verdadeira ciência do *marxismo*, e não como subjetividades coletivas que organizam a vida social. Ciência e ideologia aparecem em Engels como termos antinômicos, como verdadeira e falsa consciência.

Esse livro, porém, não deixava de ter o seu objetivo de oferecer respaldo teórico e programático ao movimento operário socialista. Aqui Engels analisa o problema do Estado de modo sistemático discorrendo sobre a origem do Estado em Atenas, em Roma e entre os povos germânicos. O Estado “é antes um produto da sociedade, quando esta chega a um determinado grau de desenvolvimento; é a confissão de que essa sociedade se enredou numa irremediável contradição com ela própria e está dividida por antagonismos irreconciliáveis que não consegue conjurar”.¹¹

Engels não relaciona o processo de sobredeterminação do capital mercantil com o a autonomização da política no Estado e assim não particulariza o Estado burguês. Para ele o Estado evolui como expressão das classes em luta e por isso pode entender que as instituições do Império alemão indicam a sua essência de um Estado em estágio inferior de um desenvolvimento que pode se entender como linear. De fato “a república democrática – a mais elevada das formas de Estado, e que, em nossas atuais condições sociais, vai aparecendo cada vez mais como uma necessidade iniludível, e é a única forma de Estado sob a qual pode ser travada a última e definitiva batalha entre o proletariado e a burguesia – não mais reconhece as diferenças de fortuna”.¹²

O proletariado, “na medida, entretanto, que vai amadurecendo para a auto-emancipação, constitui-se como um partido independente e elege seus próprios representantes e não os dos capitalistas”. Não nos é dado saber como ocorre esse

¹⁰ ENGELS, Friedrich. “Origem da família, da propriedade privada e do Estado; Prefácio”. In: _____ . Op. Cit., vol. 3, 1963, p. 07.

¹¹ Idem, p. 135-136.

¹² Idem, p. 138.

amadurecimento, se por um processo histórico natural ou outra coisa. O passo seguinte do iniludível processo histórico é aquele

de uma fase de desenvolvimento da produção em que a existência dessas classes não apenas deixou de ser uma necessidade, mas até se converteu em um obstáculo à produção mesma. As classes vão desaparecer, e de maneira tão inevitável como no passado surgiram. Com o desaparecimento das classes, desaparecerá inevitavelmente o Estado.¹³

Percebe-se uma vez mais como para Engels o processo histórico é movido por leis gerais homólogas às leis estabelecidas pelas ciências da natureza. Na súmula acima exposta percebe-se o Estado como um mecanismo histórico determinado pela existência das classes, mas cujo fundamento encontra-se na necessidade do movimento da economia. Em fins do século XIX, a tese era a aquela de que se aproximava o ponto em que na república democrática – a forma última e superior de Estado -- se travaria a batalha final entre as classes, atores inadvertidos de uma peça com final certo, pois o progresso parece inelutável. Não há dúvida mais de que Engels montava a estrutura do *marxismo* fortemente ancorado na visão naturalista evolucionista predominante na alta cultura burguesa do fim de século XIX.

Em 1886, Engels escreveu um opúsculo que levou o nome de *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, texto essencial para definir os contornos do nascente *marxismo*. Antes de tudo neste texto se revela a leitura engelsiana da obra de Hegel, seu conteúdo e significado. Para Hegel a dialética constitui o movimento ele mesmo de exposição do conceito e de suas necessárias conexões, que vem a compor e expor o real, não é um método de apreensão do movimento do real. Engels entende a dialética como elemento constitutivo do real e como método científico, de modo que o conhecimento decorre do esclarecimento das conexões dialéticas presentes no movimento do mundo. A dialética é a chave que dá movimento ao real na direção de estágios sempre mais complexos e elevados, mas sempre uno, seja da vida orgânica ou da vida social do homem. Engels ao fim das contas faz uma adequação positivista da dialética.

¹³ Idem, p. 138-139.

Engels percebe em Hegel o último dos filósofos, no senso em que foi o último a construir um sistema filosófico articulado e completo e que dele pode-se apreender fundamentalmente o método dialético. No entanto, esse sistema filosófico, ainda que útil no debate sobre a religião, não o era completamente no embate político da Alemanha dos anos 40, o que teria aberto passagem para o resgate do materialismo anglo-francês do século precedente.

O responsável pelo resgate do materialismo teria sido então Feuerbach. Na sua filosofia, exposta principalmente em *A essência do cristianismo* (1841), esse resgata o homem natural como o ponto de partida da filosofia. Na sua luta contra a religião cristã ele propõe uma reforma moral que crie um novo vínculo entre os homens e destes com a natureza. Mas essa proposição naturalista abstrata não tinha implicações na história e na política, o que explica em parte a marginalidade a que Feuerbach ficou relegado.

Mas Engels anota com grande correção que “da decomposição da escola hegeliana brotou, porém, ainda outra corrente, a única que, na realidade deu frutos verdadeiros, e que está associada, acima de tudo, ao nome de Marx”.¹⁴ Essa afirmação é seguida de uma nota explicativa da maior importância:

Ultimamente, tem-se aludido, com freqüência, à minha participação nessa teoria; não posso pois deixar de dizer algumas palavras para esclarecer esse assunto. Que tive alguma participação independente na fundamentação e sobretudo na elaboração da teoria, antes e durante os quarenta anos de minha colaboração com Marx, é coisa que eu mesmo não posso negar. A parte mais considerável das idéias diretrizes principais, particularmente no terreno econômico e histórico, e especialmente a sua formulação nítida e definitiva, cabem, porém, a Marx. A contribuição que eu trouxe – com exceção, quando muito, de alguns ramos especializados – Marx também teria podido trazê-la, mesmo sem mim. Em compensação, eu jamais teria feito o que Marx conseguiu fazer. Marx tinha mais envergadura e via mais longe, mais ampla e mais rapidamente que todos nós outros. Marx era um gênio; nós outros, no

¹⁴ ENGELS, Frieodrich. “Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã”. In: _____. Op. Cit., vol. 3, 1963, p. 193.

máximo, homens de talento. Sem ele, a teoria estaria hoje muito longe de ser o que é. Por isso, ela tem, legitimamente, seu nome.¹⁵

Aqui se encontra a leitura que o próprio Engels fazia das origens do marxismo: a desintegração da filosofia clássica alemã, após ter atingido seu apogeu e limite com Hegel, possibilitou o surgimento de uma vertente teórica que deve ser associada ao nome de Marx, mas que contou com uma sua contribuição. No entanto, o que Engels não diz é que o *marxismo* se configura plenamente graças a ele mesmo nos doze anos de sobrevivência em relação à Marx, período em que sua leitura da obra de Marx e sua produção própria puderam se destacar. A demonstração está na seqüência do texto, onde Engels esboça a sua visão da “concepção materialista da história”.

A corrente inaugurada por Marx também seria uma “volta às posições materialistas”, mas agora se apropriando do “método dialético”. Engels avança a idéia fundante de todo o *marxismo*:

Com isso, a dialética ficava reduzida à ciência das leis gerais do movimento, tanto do mundo exterior como do pensamento humano: duas séries de leis idênticas quanto à coisa, mas diferentes quanto à expressão, no sentido de que o cérebro humano pode aplicá-las conscientemente, enquanto que na natureza, e ainda hoje também, em grande parte, na história humana, essas leis abrem caminho de maneira inconsciente, sob a forma de uma necessidade exterior, em meio a uma série infinita de acasos aparentes. Com isso, porém, a própria dialética do conceito se convertia simplesmente no reflexo consciente do movimento dialético do mundo real, o que equivalia a converter a dialética hegeliana num produto cerebral; ou melhor, a inverter a dialética que se achava de cabeça para baixo, colocando-a de pé.¹⁶

Aqui as dúvidas sobre a coincidência ou não entre o pensamento de Marx e Engels se avolumam. Difícil afirmar que Marx tenha tido alguma relação com a metafísica materialista francesa. Mais provável que seu materialismo tenha advindo do pensamento

¹⁵ Idem, ibidem, p. 193 (bis).

grego e depois de Spinoza, e menos do iluminismo liberal-burguês. Do mesmo modo não é certo que Marx entendesse a dialética como um conjunto de leis de movimento intrínseco à matéria ou mesmo intrínseco a história dos homens, bastando então ao homem moderno apreender as suas conexões e assim fazer ciência.

Marx tampouco colocou a dialética em pé, pois Marx, de fato, entendeu ter colocado Hegel no avesso, ou seja, utilizou a dialética como método de exposição do real e não do conceito, ou melhor, fez do conceito a exteriorização do movimento do real pela intervenção do homem, pela práxis. A dialética científica e naturalizada de Engels possibilita a contraposição entre materialismo e idealismo, mas a dialética marxiana dissolve e supera esse binômio numa filosofia da práxis. A diferença não é de pouca monta e as incidências na história futura do *marxismo* não podem ser desconsideradas.

Para Engels a natureza, e também a vida social do homem, é composta por um conjunto de processos, “mas essa diferença em nada altera o fato de que o curso da história se rege por leis gerais imanentes”. É que Engels concebe a história como um entrechoque de interesses e vontades individuais para poder afiançar que “os choques entre as inumeráveis vontades e atos individuais criam no domínio da história um estado de coisas muito semelhante ao que impera na natureza inconsciente”. Mas é justamente “ali, porém, onde na superfície das coisas o acaso parece reinar, ele é, na realidade, governado sempre por leis imanentes ocultas, e o problema consiste em descobrir essas leis”.¹⁷

Mas descobrir essas leis para que? Se o conhecimento científico não encontra vínculo com a atividade prática consciente -- a não ser no campo da ética --, qual a razão histórica da luta política pelo socialismo? Engels julga conhecer as leis imanentes da história e o método para se conhecer as forças que determinam e movimentam os objetivos dos homens, das organizações, de seus chefes e sabe que é preciso “pesquisar as causas determinantes que se refletem na consciência das massas que atuam e de seus chefes: eis o único caminho que nos pode conduzir à descoberta das leis que regem a história em seu conjunto, tanto quanto a história dos diferentes períodos e países”.¹⁸

O mundo contemporâneo comprovou a existência de classes em luta, a burguesia e o proletariado, mas “estava claro e palpável que as origens e o desenvolvimento dessas

¹⁶ Idem, ibidem, p. 194.

¹⁷ Idem, ibidem, p. 198.

¹⁸ Idem, ibidem, p. 199.

duas grandes classes residiam em causas puramente econômicas”. Aconteceu que “as forças produtivas representadas pela burguesia rebelaram-se contra o regime de produção representado pelos latifundiários feudais e pelos mestres dos grêmios”. Na seqüência do processo, na análise de Engels,

a grande indústria cria hoje, de um lado uma proletarização cada vez maior das grandes massas do povo, e de outro lado uma crescente massa de produtos que não encontram saída. Superprodução e miséria das massas – cada uma delas sendo causa da outra – eis a contradição absurda em que desemboca a grande indústria e que reclama imperiosamente a libertação das forças produtivas, mediante uma mudança no modo de produção.¹⁹

Tem-se então que as classes são representações das forças produtivas, que a luta de classes tem uma forma política, mas o conteúdo e a finalidade são de caráter econômico e “portanto, aqui pelo menos, o Estado, o regime político, é o elemento subordinado, e a sociedade civil, o reino das relações econômicas, o elemento dominante”. Como elemento subordinado “a vontade do Estado obedece, em geral, às necessidades variáveis da sociedade civil, à supremacia desta ou daquela classe e, em última instância, ao desenvolvimento das forças produtivas e das condições de troca”.²⁰

O Estado separa-se da sociedade, torna-se Estado de classe e tende a mistificar as relações econômicas. Não há dúvida que Engels separa economia e política (como não faziam Hegel e Marx) e oferece munção ao sindicalismo, que controla o partido operário, mas também à representação parlamentar.

Engels publicou uma nova edição desse texto em 1888, quando então fez acoplar um esboço de Marx intitulado como *Ad Feurbach*, redigido em maio de 1845, muito possivelmente.²¹ Acontece que Engels promoveu algumas modificações na teses, cujo significado e implicações não são fáceis de dirimir. Em alguns casos a mudança pode ter ocorrido para tornar o texto de mais fácil compreensão, mas há passagens que alteram o

¹⁹ Idem, ibidem, p. 201.

²⁰ Idem, ibidem, p. 202.

²¹ Para um estudo detalhado sobre essa página de Marx é possível consultar LABICA, Georges. *As “Teses sobre Feuerbach” de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

significado do escrito de Marx, como ocorre na tese III. Aqui Engels rescreve a primeira parte, sem alterar de forma substancial o seu sentido. No entanto, na segunda parte, que esclarece a primeira, Engels cancela uma palavra que é decisiva, não só na tese, mas em toda a formulação marxiana, que é a palavra *automodificação* ou *autotransformação*, e muda a expressão “prática revolucionária” para “prática transformadora”. Não são mudanças de pouca monta e que podem ter sido ocasionadas por motivos de conjuntura política, mas que trazem implicações sérias.²²

Se na tese III as mudanças promovidas por Engels no texto do amigo podem ter outra explicação, a mexida na tese IV dá menor margem à dúvida, pois faz adaptações que colocam o conjunto mais próximo do seu próprio pensamento. Engels substitui palavras e retira de Marx a indicação de que em Feuerbach há a constatação da existência de uma duplicação do mundo em um mundo religioso, que é a representação do mundo mundano -- que também existe por conta da auto-alienação -- e que cabe a filosofia dissolver o primeiro no segundo. Engels sugere, na alteração, que o mundo religioso é imaginário e que o mundo mundano é real, como se ambos não fossem parte do conjunto das relações sociais.

Em seguida, Engels acrescenta uma frase que parece de teor explicativo, que afiança que Feuerbach não percebe que feito esse trabalho, o principal ainda estava por fazer. Engels sugere então que a crítica da religião deveria ser seguida da crítica das contradições do mundo real, e numa outra alteração explícita que primeiro o mundo terreno deve ser compreendido em suas contradições, para depois ser revolucionado na prática. Marx aponta o processo como único, sendo uma condição da outro, a teoria e a prática estão vinculadas, enquanto em Engels aparece uma cisão. A frase final é um exemplo do raciocínio de Marx, o qual solicita que a crítica da sagrada família exige a abolição da família terrena, enquanto Engels apenas orienta para a crítica teórica, antes, e para a transformação prática da família terrena, depois, numa confirmação da aludida cisão. A publicação de Engels das chamadas teses sobre Feuerbach é a expressão mais nítida de como o seu pensamento se apropria e reformula o pensamento de Marx e expõe o seu próprio. O pensamento de Engels, como se

²² A tese III, escrita por Marx diz: “A doutrina materialista sobre a modificação das circunstâncias e da educação esquece que as circunstâncias são modificadas pelos homens e que o próprio educador tem que ser educado. Ela tem, por isso, de dividir a sociedade em duas partes – a primeira das quais está colocada acima da sociedade. // A coincidência entre a alteração das circunstâncias e a atividade ou automodificação humanas só pode ser apreendida e racionalmente entendida como prática revolucionária”. MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo editorial, 2007, p. 534.

percebe, enfatiza a questão do materialismo até o ponto de resvalar para o economicismo e de romper a relação sujeito / objeto.

4. Luta política e últimos trabalhos.

No decorrer dos anos 80, ainda que submetida a uma legislação de exceção, a socialdemocracia se consolidou e ampliou a sua influência na Alemanha e também pela Europa. O grupo político que Engels agregou em torno de si ganhou alguma solidez, ainda que não fosse majoritário, graças, em boa medida, a capacidade de formulação teórica demonstrada pelo antigo parceiro de Marx. A fundação da Internacional Socialista, em Paris, julho de 1889, por ocasião dos festejos do centenário da revolução francesa, deu um novo impulso ao movimento operário socialista e um ampliado espaço de repercussão do pensamento de Engels (e do Marx de Engels). Em outubro de 1890 a legislação discriminatória contra os socialistas foi suspensa como decorrência de uma crise política que envolveu a ascensão do imperador Guilherme II e a demissão de Bismarck da chancelaria.

Como foi já mencionado, a elaboração teórica de Engels tendia a enfatizar o materialismo e a subestimar a subjetividade como elemento material fundamental da atividade do ser social coletivo. Por conta disso, teve dificuldade na elaboração de uma teoria da política revolucionária. Nos anos 90, Engels se empenhou em formatar uma política que articulasse o desenvolvimento das forças produtivas do capital, a crise capitalista e os conflitos da política internacional, sem abandonar o empenho no esclarecimento teórico, na pesquisa histórica e na divulgação da obra de Marx.

Com a fundação do Império alemão, na Europa central e oriental formou-se uma aliança entre a Alemanha, a Áustria-Hungria e a Rússia. Engels avaliava que o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas nesses três impérios levaria a uma crise política e militar de graves proporções. O problema essencial era, porém o das nacionalidades oprimidas, em primeiro lugar a nação polonesa, mas também as pequenas nações danubianas e balcânicas. A Rússia parecia ser o elo mais frágil dessa aliança, onde o capitalismo começava a se desenvolver e onde se colocava na ordem do dia uma revolução burguesa de estilo jacobino. Note-se que Engels, diferente de Marx, sempre fora descrente da possibilidade da Rússia encontrar na tradição comunal camponesa uma base para

alavancar o processo revolucionário. Para Engels o desenvolvimento do capitalismo era inexorável e necessário à Rússia.²³

Com a retirada de Bismarck da cena, a Alemanha redefine a sua posição estratégica, apoiando-se mais na Áustria-Hungria e se orientando mais para os Balcãs, o que gera atritos com a Rússia, a qual, por sua vez, força a aproximação com a França. Para Engels o risco de uma guerra generalizada, por conta das ações do czarismo russo levaria a Europa a uma catástrofe terrível, cuja vítima principal seria a Alemanha e a socialdemocracia.

Uma revolução na Rússia implicaria a independência da Polônia e poderia provocar mudanças significativas na Alemanha, que poderia mesmo vir a se constituir em república democrática. Mas uma guerra desencadeada pelo czarismo obrigaria a socialdemocracia a se postar em defesa da Alemanha, do Ocidente, da civilização, contra a barbárie russa. Em escrito publicado no começo de 1890, *A política externa dos czares*, Engels faz essa análise da presença da Rússia na geopolítica da Europa.

Em 1892, quando a aproximação entre França e Rússia se consolida, Engels escreve um artigo encomendado pelos socialistas franceses. Sua posição política (e teórica) mais uma vez se expressa com clareza. Para ele o movimento operário e socialista alemão conseguiu acumular uma força capaz de levá-lo em uma década ao poder político, mas numa situação de paz; uma guerra européia poderia tanto significar a antecipação desse processo inexorável como a destruição do socialismo na Alemanha em vantagem das classes dominantes e do czarismo. Qual deve ser então a posição dos socialistas alemães em caso de guerra?

No interesse da revolução européia, esses têm o dever de defender todas as posições conquistadas, de não capitular nem diante do inimigo externo, nem diante do inimigo interno, e não podem cumprir com esse dever senão combatendo a Rússia e os seus aliados, quaisquer que sejam.²⁴

Engels previa a horrível possibilidade de surgir uma contraposição entre a classe operária da França e da Alemanha. Na verdade, Engels previu em largos traços a tragédia

²³ DEL ROIO, Marcos. “Marx e a questão do Oriente”. In: _____. *Marxismo e Oriente: quando as periferias tornam-se os centros*. São Paulo: Ícone Editora, 2009, p. 17-50.

que envolveria a Europa cerca de um quarto de século depois, assim como a revolução russa. Mas a sua análise se baseava no vínculo entre forças produtivas, crise econômica e crise internacional (ou seja, poder político de Estados).

Ainda em 1890, talvez por conta do estímulo representado pela fundação da Internacional Socialista e pelo avanço do movimento operário, Engels empreendeu uma agenda epistolar importante, tendo entrado em contato com Antonio Labriola, na Itália, por exemplo. Uma carta especialmente importante para constatar a concepção materialista de Engels foi a endereçada a Bloch, em setembro desse ano de 1890. Escreve Engels:

Segundo a concepção materialista da história, o fator que, em última instância, determina a história é a produção e a reprodução da vida real. Nem Marx, nem eu afirmamos, uma vez sequer, algo mais do que isso. (...). A situação econômica é a base, mas os diferentes fatores da superestrutura que se levanta sobre ela – (...) – também exercem sua influência sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam sua forma, como fator predominante. Trata-se de um jogo recíproco de ações e reações entre todos esses fatores, no qual, através de uma infinita multidão de acasos (...), acaba sempre por impor-se, como necessidade, o movimento econômico.²⁵

Como se vê, a subjetividade humana está submetida a leis decisivas do movimento da economia e fica quase ausente dessa concepção materialista da história, uma história que se desenvolve com a naturalidade de uma reação química. Engels explica melhor:

Nós mesmos fazemos a nossa história, mas isto se dá, em primeiro lugar, de acordo com premissas e condições muito concretas. Entre elas, as premissas e condições econômicas são as que decidem, em última instância. No entanto, as condições políticas e mesmo a tradição que

²⁴ ENGELS, Friedrich. “Il partito socialista tedesco e la pace”. In: _____. *La politica estera degli zar*. Milano: La Salamandra, 1978, p. 93.

²⁵ ENGELS, Friedrich. “Carta a Bloch, Londres, 21/22 de setembro de 1890” In: MARX&ENGELS. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, vol. 3, 1963, p. 284.

perambula como um duende no cérebro dos homens também desempenham seu papel, embora não decisivo.²⁶

E Engels continua

Em segundo lugar, a história faz-se de tal modo que o resultado final decorre sempre dos conflitos que se estabelecem entre muitas vontades individuais, cada uma das quais é o resultado de uma multidão de condições de existência particulares. E, pois, de um conjunto inumerável de forças que se entrecruzam, de um grupo infinito de paralelogramas de forças que dão em consequência uma resultante – o acontecimento histórico --, que por sua vez, pode ser encarado como o produto de uma força única, que, como um todo, atua inconsciente e involuntariamente.²⁷

Sempre ausente a vontade organizada e a cultura, pois a história, na passagem apenas citada, segue a física como metáfora. Em carta a Schmidt, escrita pouco mais de um mês depois, Engels tenta esclarecer a sua compreensão dos elementos subjetivos da vida social, da chamada superestrutura. Engels usa agora uma metáfora ótica, a inversão da imagem ao passar por uma lente. Responde ao interlocutor que o mercado do dinheiro e de valores é, na verdade, apenas uma visão invertida do movimento da indústria, mas que criou uma dinâmica própria e se autonomizou. Tendo como ponto de partida a divisão do trabalho, pela sugestão de Engels, chega-se ao Estado. Para ele então,

O movimento econômico impõe-se, sempre, de maneira geral; mas encontra-se sujeito às repercussões do movimento político criado por ele mesmo e dotado de relativa independência: o movimento do Poder estatal, de uma parte, e, de outra, o movimento da oposição, criado simultaneamente com ele. E da mesma forma porque, no mercado de dinheiro, o movimento do mercado industrial se reflete, naturalmente sob uma forma invertida, de maneira geral, e com as reservas apontadas acima, na luta entre governo e oposição reflete-se a luta entre as classes

²⁶ Idem, ibidem, p. 285.

²⁷ Idem, ibidem, p.285 (bis)

que já existiam e lutavam antes; mas também aqui esse reflexo toma uma forma invertida, faz-se indiretamente, já não como uma luta de classes e, sim, como uma luta em torno de princípios políticos.²⁸

Feita essa observação sobre a política, em seguida Engels avalia o Direito:

O reflexo das relações econômicas, sob a forma de princípios jurídicos, leva também, necessariamente, a uma inversão: opera-se sem que os que o elaboraram tenham consciência disso; o jurista acredita manejar normas estabelecidas a priori, sem se dar conta de que essas normas nada mais são do que simples reflexos econômicos: vê assim as coisas sob uma forma invertida. Enquanto não a percebemos, essa inversão constitui o que chamamos concepção ideológica e repercute sobre a base econômica, podendo mesmo modificá-la dentro de certos limites.²⁹

Engels completa a sua avaliação sobre as superestruturas informando que “No que concerne às esferas ideológicas que pairam mais alto ainda no espaço, isto é, a religião, a filosofia, etc., possuem elas um fundo pré-histórico – (...) – constituído do que chamaríamos, hoje, de pura tolice”.³⁰

Patente como a visão materialista de Engels se reduz a um determinismo econômico atenuado pela possibilidade da política incutir forma ao movimento econômico fundamental, mas novamente reforçado pela teoria do reflexo invertido, que faz da política, do direito, da filosofia, da arte, mera ideologia, mera falsa consciência, capaz de agir sem consciência sobre o movimento econômico. Por outro lado, a tarefa da ciência é aquela de elucidar a névoa presente diante da realidade e assim como as ciências da natureza caminham céleres nessa direção, ao *marxismo* toca esclarecer a marcha inexorável da história dos homens. Não há práxis, não há autotransformação do homem, não há vontade coletiva, não há subjetividade emancipadora, a história transcorre sem sujeito.

Em 1891, o SPD realizou o seu congresso em Erfurt, quando a vertente de esquerda dos chamados “jovens” foi expulsa. Decididos a derrotar a persistente influência de

²⁸ ENGELS, Friedrich. “Carta a Schmidt. Londres, 27 de outubro de 1890”. In: Op. Cit., p. 288-289.

²⁹ Idem, ibidem, p. 290.

³⁰ Idem, ibidem, p. 290 (bis)

Lassalle (morto em 1864), Engels e seu grupo optaram pela publicação dos comentários críticos de Marx ao programa de fundação do partido, em 1875. Esse texto veio à luz então sob o título de *Crítica ao Programa de Gotha*. Agora, em 1891, o SPD poderia tornar-se plenamente *marxista*. Mas marxista no senso em que Engels, Kautski e Bebel entenderam. O programa de Erfurt foi escrito, em grande parte, por Kautski, o qual expôs as tendências gerais do desenvolvimento do capitalismo, como é a monopolização, a proletarização, as crises crescentes, a importância do partido operário e da Internacional Socialista e, por fim, a necessidade da classe operária assumir um dia o poder do Estado.

Todavia, como esse processo surge como decorrência de leis objetivas, caberia ao partido apenas estar preparado para quando chegasse a hora de assumir o poder. Enquanto isso, como indicava a parte final do Programa, tocaria ao partido lutar pela democratização no terreno da burguesia, do capitalismo, o que incluía sufrágio universal direto e extensivo às mulheres, separação entre Igreja e Estado, legislação social, etc.

O Programa de Erfurt expressava parte dos conflitos internos da cultura partidária, mas também o perfil do pensamento de Engels, o qual ao reduzir o capitalismo ao movimento da economia a partir de cujas contradições se erigia toda uma superestrutura invertida, somente superável pela ciência, cujo modelo seria a ciência da natureza, que se projeta na vida humana ao modo de economia ou de história econômica. A marxiana natureza humana como “conjunto das relações sociais”, que iguala e transcende a filosofia, a economia e a política na práxis emancipadora do homem, está perdida. Assim, no programa, a teoria e a prática se dissociam, assim como se dissociam a economia e a política.

Nos anos seguintes, os derradeiros de sua vida, Engels continuou se dedicando aos problemas mais candentes do movimento socialista, como a questão agrária, que ganhava importância, aos problemas internacionais, mas também a seus estudos, como o que redundou na *Contribuição à história do cristianismo primitivo*, publicado em 1894. Já com a saúde bastante abalada, no começo de 1895, Engels decidiu publicar alguns textos que Marx escrevera para *Neue Rheinische Zeitung* no decorrer do ano de 1850, sobre o desenrolar da revolução francesa de 1848. Engels atribuiu o título de *As lutas de classes na França de 1848 a 1850* a esse volume e escreveu uma Introdução, que pode ser considerada

como o derradeiro texto importante de Engels e, de certa maneira, pode ser visto como o seu testamento político. Mas pode ser visto também como a síntese da sua teoria.

Engels apresenta o texto de Marx como sendo “o primeiro ensaio de Marx para explicar um fragmento da história contemporânea mediante sua concepção materialista, partindo da situação econômica existente”. Na interpretação de Engels “tratava-se, pois, de reduzir, seguindo a concepção do autor, os acontecimentos políticos a efeitos de causas que, em última instância, eram econômicas”.³¹

Mas como as causas e os fatores econômicos são difíceis de determinar de imediato,

em conseqüência, o método materialista terá de se limitar, freqüentemente, a reduzir os conflitos políticos às luzes de interesses entre as classes sociais e as frações de classes existentes, determinadas pelo desenvolvimento econômico, e a demonstrar que os diversos partidos políticos são a expressão política mais ou menos adequada das referidas classes e frações de classes.³²

Não deixa de impressionar a clareza com que Engels expressa a sua visão materialista: os fatores econômicos determinam a estruturação das classes, que se organizam em partidos políticos, e cabe ao cientista precisamente determinar as conexões causais das diversas instâncias. O mais grave é que imputa também a Marx essa concepção!

Nessa leitura engelsiana a ignorância ou o pouco conhecimento do movimento econômico explica os equívocos políticos. Mesmo com essa concepção que submete inteiramente ação social a determinações econômicas, “em última instância”, e na qual a materialidade da subjetividade é irrelevante e a política é um epifenômeno, Engels faz uma sintética, mas exata, avaliação retrospectiva dos quarenta e cinco anos apenas transcorridos. Indica, de início, como, em linhas gerais, se processaram as revoluções burguesas, de 1640 a 1848, sempre como revolução de minorias que pretendiam falar em nome da maioria, das massas populares, que prestavam o seu apoio. Engels anota ainda que estava equivocada a visão dele e de Marx de que a Europa se encontrava em um período revolucionário

³¹ ENGELS, Friedrich. “Introdução” a MARX, Karl. As lutas de classes na França de 1848 a 1850. In: MARX & ENGELS. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, vol. 1, 1956, p. 93.

³² Idem, *ibidem*, p. 94.

permanente, “longo e cheio de alternativas, mas que só podia terminar pela vitória definitiva do proletariado”.³³

O erro estava em não se ter claro que o capitalismo tinha ainda um enorme potencial de desenvolvimento e de difusão. A história “demonstrou claramente que o estado de desenvolvimento econômico no continente ainda estava muito longe do amadurecimento necessário para a supressão da produção capitalista; demonstrou-o pela revolução econômica que, a partir de 1848, apoderou-se de todo o continente (...).³⁴

A derrota política do movimento operário explica-se então (e também) por um erro de análise, um erro de previsão. A partir de 1851, “encerrava-se momentaneamente o período das revoluções de baixo para cima; sucedeu-lhe um período de revoluções de cima para baixo”.³⁵

Esse período, que se alonga até 1871, é preenchido pelo bonapartismo e por uma série de guerras decisivas, que muito contribuíram no processo de fundação do Império alemão e da própria difusão do bonapartismo como forma política. A guerra franco-prussiana, por um lado acabou com o bonapartismo na França, instaurou a república e gerou a Comuna de Paris, e por outro lado unificou a Alemanha, instaurou o Império e o bonapartismo e também transferiu o centro de gravidade do movimento operário para as terras germânicas.

A fase que então se abre, na Alemanha, é marcada pelo gradativo fortalecimento do movimento operário e da social-democracia, demonstrado com o uso da arma do sufrágio universal. Engels valoriza o uso do sufrágio como arma política da classe operária, a constituição de um grupo parlamentar e afirma que então “viu-se que as instituições estatais, nas quais se organiza o domínio da burguesia, ainda oferecem possibilidades novas de utilização que permitem a classe operária combatê-la.”³⁶

Essa forma de luta aparecia como mais eficaz e mesmo demonstrativa de como as formas usadas até 1848 estavam ultrapassadas. Na verdade, a luta de rua mostrou-se, em geral, muito pouco eficaz na maioria das vezes, de modo que exigiu condições muito particulares para que fosse bem sucedida. Essas condições aparecem ainda mais difíceis na

³³ Idem, *ibidem*, p. 96.

³⁴ Idem, *ibidem*, p. 99.

³⁵ Idem, *ibidem*, p. 100.

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 103.

fase que se desenrola e no futuro, dado o crescimento e reforma das cidades e o crescimento dos exércitos e a modernização do armamento.

Mas qual seria então a estratégia política revolucionária? Seria organizar e educar a maioria para a revolução, preparando-a para quando o dia no qual a contradição econômica do capitalismo estivesse em ponto de ebulição. De modo que agora que se sabe exatamente a ciência do desenvolvimento histórico e econômico, pode-se dizer que a luta de ruas, a insurreição, “(...), ocorrerá mais raramente no começo de uma grande revolução que no curso de seu desenvolvimento, e será preciso empreendê-la com forças maiores.”

Sem dúvida que

passou o tempo dos golpes de surpresa, das revoluções executadas por pequenas minorias conscientes à frente das massas inconscientes. Onde quer que se trate de transformar completamente a organização da sociedade, cumpre que as próprias massas nisso cooperem, que já tenham elas compreendido de que se trata, o motivo pelo qual dão seu sangue e sua vida. (...). Mas para que as massas compreendam o que é necessário fazer é mister um trabalho longo e perseverante; (...).³⁷

Esse texto se voltava contra franjas à esquerda no movimento operário alemão e tentava fazer ver o erro suicida que seria algum tipo de insurreição precoce e iniciada por uma minoria. O sufrágio universal seria por ora a forma de luta mais adequada, pois que ajudaria a organizar e a educar a classe operária nos princípios do *marxismo*. O *marxismo* definido por Engels e seu grupo político dizia exatamente que o desenvolvimento econômico do capitalismo por si só geraria contradições insolúveis que tornariam necessária a ascensão da classe operária ao poder político. E a social-democracia era a expressão política da classe operária, ela própria produto de contradições econômicas.

Mas essa estratégia de puro bom senso não apresenta uma insuficiência? Como a classe é educada para a revolução? Levando-se a ciência até ela para que saiba o que fazer no “dia decisivo”? Nesse dia a classe operária saberá o que fazer por ter tido acesso à ciência da história? E então saberá da necessidade, da obrigação de fazer cumprir as leis determinadas pelo movimento da economia e perceberá que a sua própria vontade é

determinada objetivamente por essas leis? O economicismo do pensamento engelsiano leva de modo inequívoco a essas perguntas.

A cisão entre uma teoria que explica e justifica um futuro socialista de modo objetivo e uma prática social que permanece dentro da ordem do capital não consegue oferecer uma orientação estratégica revolucionária. Fica então muito claro que as mudanças promovidas por Engels nas *Teses sobre Feuerbach* tinham um substrato teórico muito significativo. Lembremos que Engels retira dois elementos fundamentais das referidas teses: a autoeducação / autotransformação na práxis revolucionária e a subjetividade como intrínseca à totalidade dialética que constitui as relações sociais entre os homens. Sem praxis o materialismo de Engels resvala para a metafísica.

Nessa configuração é que o *marxismo* se implantou e se difundiu, como um reflexo invertido do pensamento de Marx, como poderia dizer o próprio Engels. Ora a concepção teórica elaborada por Engels apontava a revolução como uma positiva previsão científica, mas não indicava a necessidade de fazer a revolução desde já, mas de seguir dentro da ordem do capital e garantir as melhores condições possíveis, enquanto não chegasse o dia certo. Parece então que o inevitável era que após a morte de Engels, essa visão se acentuasse ainda mais com seus sucessores do grupo político *marxista*, que ajudara a organizar. Pouco importa que mesmo esse texto tenha tido as passagens sobre os futuros combates de rua cortados quando de sua publicação imediata, para a zanga de Engels.³⁸

De fato, com Kautski toma forma de vez a ortodoxia marxista acentuada em seus aspectos naturalistas e economicistas. A objetividade científica é a regra. A reação a essa concepção, que percebia o socialismo como produto de um processo histórico natural marcado para um futuro qualquer, só poderia vir de outra parte afirmando a longevidade indistinta do capitalismo e fazendo do socialismo um fenômeno ético, subjetivo. Assim é que as duas vertentes do reformismo no movimento operário alemão – a ortodoxia e o revisionismo -- tiveram como seus principais ideólogos exatamente os dois mais capazes teóricos do grupo político de Engels, Kautski por um lado, e Bernstein, por outro. Não parece ter sido mero acaso que cada um tenha acentuado aquilo que em Engels já se encontrava cindido: a objetividade e a subjetividade revolucionária.

³⁷ Idem, *ibidem*, p. 106.

5. Bibliografia:

CARVER, Terrell & STEGER, Manfred (Edited by). *Engels after Marx*. Manchester: Manchester University Press, 1999.

DEL ROIO, Marcos (org.). *Marxismo e Oriente: quando as periferias tornam-se os centros*. São Paulo: Ícone Editora, 2008.

ENGELS, Friedrich. *La política estera degli zar*. Milano: La Salamandra, 1978

HOBBSAWN, Eric. (a cura di). *Storia del marxismo: il marxismo ai tempi di Marx*. Torino: Einaudi Editore, 1978.

LABICA, Georges. *As “Teses sobre Feuerbach” de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

MARX & ENGELS. *Obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 3 volumes, 1956-1963.

MARX, Karl. *Il capitale*. Roma: Newton Compton Editori, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo editorial, 2007.

MAYER, Gustav. *Friedrich Engels: la vita e l'opera*. Torino: Einaudi Editore, 1969.

STEINBERG, Hans Josef. *Il socialismo tedesco da Bebel a Kautski*. Roma: Editori Riuniti, 1979.

³⁸ Esse texto de Engels só publicado na íntegra na URSS, em 1930.